

## **As notícias nos sites de rádio: contributos para a identidade da notícia ciber-radiofónica**

**Isabel Reis**

Universidade do Porto

CECS

aisabelreis@gmail.com

### **Resumo**

A construção da notícia na rádio e na internet é forçosamente diferente porque cada meio desenvolve a sua própria linguagem e expressividade. O conceito de notícia é o mesmo, a forma de a redigir e apresentar é que pode ser diferente. O *online*, tal como a rádio, tem as suas próprias regras de redação, mas quando a notícia de rádio vai para o site da respetiva estação não é meramente transposta nem se reformula por inteiro seguindo as normas ciberjornalísticas.

Numa análise que compila exemplos de notícias de três anos em quatro sites de rádios portugueses (TSF, RR, RDP e Rádio Clube), verificamos que as notícias dos sites das rádios têm características que fundem as regras de redação dos dois meios. Este facto, leva-nos a concluir que estamos perante uma notícia ciber-radiofónica com particularidades próprias apesar das diferenças entre os quatro sites analisados.

**Palavras-chave:** notícia, radio, internet, ciberjornalismo, jornalismo

### **Abstract**

The construction of the news on the radio and on the Internet is necessarily different because each medium develops its own language and expressiveness. Even if the news concept is the same, the way to write and present them can be different. The online news, as well as radio news, have specific writing rules, and when news radio are published in a site is that doesn't imply a mere transfer of contents nor are they completely reshaped according to online rules. Taken a sample of examples of news in three years in four Portuguese radio sites (TSF, RR, RDP and Radio Club), the analysis

show that the news sites of radio stations have features that merge the news construction rules of both media, which leads to the conclusion that we are facing a cyber-news radio model with special features despite some differences found in among the four analyzed sites.

**Key words:** news, radio, internet, online news, journalism

## **Introdução**

A imediatez, simultaneidade e instantaneidade são três das características inatas da rádio que determinam algumas das regras de escrita de uma notícia. Na internet a hipertextualidade, interatividade e multimedialidade moldam uma nova linguagem e, por consequência, formas próprias de apresentar e escrever as notícias. Na rádio a notícia é para ser ouvida e produz um efeito auditivo. Na internet é para ser vista e produz um efeito visual. A partir daqui podemos julgar que as regras de escrita seriam forçosamente diferentes, senão mesmo opostas, como acontece entre a rádio e a imprensa. Como vamos verificar são mais as semelhanças do que as diferenças. Há pontos comuns, mas as normas de escrita e sobretudo a estrutura da notícia radiofónica sobrepõem-se às do *online*. Feito o encontro entre uns e outros podemos concluir que há uma simbiose entre as regras de redação da notícia *online* e da rádio.

TSF, Rádio Renascença, RDP e Rádio Clube eram, na época analisada, quatro sites diferentes e com formas diferentes de apresentar as suas notícias, e que, embora aparentemente, cada uma siga o seu caminho acabam por ter estratégias semelhantes na construção da notícia. Esta diversidade demonstra a riqueza do meio, mas dificulta qualquer conceptualização. Com base na análise efetuada podemos afirmar que há uma notícia ciber-radiofónica, mas

ainda é cedo para definir conceitos, regras e uma estrutura. Para a rádio a internet ainda é um laboratório em que cada emissora vai fazendo experiências embora cada site espelhe linha editorial de cada uma e reafirme a marca da rádio mãe.

No sentido de aferir a estrutura e regras de escrita das notícias ciber-radiofônicas estabelecemos uma equiparação entre as regras de redação da notícia em rádio com a notícia *online*. Assim, foram analisadas as notícias escritas e publicadas nos sites de quatro rádios portuguesas: TSF, Rádio Renascença, RDP Antena 1 e Rádio Clube<sup>71</sup> - emissoras hertzianas de âmbito nacional com presença na *web*, que privilegiam a informação e têm conteúdos jornalísticos com áudio nos seus sites entre 2008 e 2010. Foram escolhidas aleatoriamente duas semanas em cada ano, de segunda-feira a domingo, com três consultas diárias que correspondem aos principais períodos de acesso à *web* segundo o Netpanel da Marktest: entre as 9 e as 10 horas; entre as 15 e as 16 horas; e à noite, entre as 22 e as 23 horas. A amostra é constituída pelas notícias em destaque na página de abertura dos conteúdos jornalísticos dos quatro sites, num total de 2.529 notícias.

### **Pirâmide invertida vs pirâmide deitada**

Em rádio a estrutura da notícia obedece à regra simples da pirâmide invertida em que se parte do mais importante para o menos importante (Soengas, 1996; Prado, 1985). No *online* as cibernotícias têm uma estrutura de pirâmide deitada tirando partido das

---

<sup>71</sup> O período de análise é anterior à descontinuação do Rádio Clube que, na época, ainda era uma rádio com perfil generalista e uma forte presença informativa quer nas ondas hertzianas quer na internet. Os dados aqui analisados fazem parte de uma tese de doutoramento que traça o perfil dos sites de rádio nesse período. Uma vez que fazia parte integrante do panorama radiofónico da época, o Rádio Clube não foi retirado da amostra.

potencialidades hipertextuais da internet e oferecendo ao leitor a possibilidade de organizar a informação (Salaverría, Canavilhas). Cumprindo a regra da pirâmide invertida, em rádio a primeira frase é a notícia. Uma frase curta, informativa e simultaneamente apelativa que prenda a atenção do ouvinte. No *online* encontramos um paralelo dessas características e funções no título da notícia ou nas *tags* que lhe estão associadas. São as palavras-chave que muitas vezes antecipam a primeira frase situando o ouvinte num tema, num país, numa situação, num caso que é notícia ao longo de um período de tempo.

Tendo em conta a metodologia sugerida por Canavilhas (2006) de hierarquizar as notícias por níveis de informação interligados entre si, concluímos que nas notícias ciber-radiofónicas permanece a estrutura da pirâmide invertida. Não há uma notícia que se possa considerar no nível 1 de “texto inicial”, porque não há hiperligações para outras notícias que contenham outros níveis de informações, nem para notícias de temática relacionada, complementar ou outros sítios na *net*. Assim como não há *links* embutidos, ou seja, dentro do próprio texto. As hiperligações, quando existem, surgem compartimentadas em colunas laterais e, na sua esmagadora maioria, são para notícias relacionadas publicadas noutra altura, para o vídeo ou para o áudio.

As notícias nos sites de rádio são textos estanques, sequenciais, como as que lemos no suporte em papel. Apenas no site da TSF encontramos exemplos de notícias ‘repartidas’ por duas ou três páginas à imagem do que acontecia antigamente com os “continuados” nos jornais. Nos restantes sites cada notícia tem uma única página. Nos sites das rádios não encontramos, por isso, exemplos de notícias com uma estrutura de pirâmide deitada, até

porque as notícias relacionadas estão temporalmente distanciadas, isto é, já foram publicadas anteriormente e a sua apresentação é cronológica: da mais recente para a mais antiga.

### **Referências temporais: sem a imediatez da rádio**

O facto de a rádio permitir a transmissão de acontecimentos ao mesmo tempo que já aconteceram, estão a acontecer e vão acontecer, tornou-a num meio rápido de difusão da informação desde que nasceu. E essa foi uma característica fundamental para sobreviver e ultrapassar épocas de crise em que por mais de uma vez, se anunciou a morte da rádio. A imediatez, instantaneidade e ubiquidade da rádio fazem parte da sua definição enquanto meio, mas com a internet a velocidade informativa da rádio é colocada em causa, mesmo que a maioria das estações ainda privilegiem a emissão tradicional para a notícia de última hora e o relato do acontecimento em direto.<sup>72</sup> Este fator é enfatizado na linguagem jornalística radiofónica através de expressões típicas que reforçam a imediatez, simultaneidade e instantaneidade da rádio. As referências temporais são as mais próximas do tempo do acontecimento e da sua difusão para aproximar o ouvinte da notícia e do tempo da notícia. Expressões como “há minutos”, “daqui a pouco”, “está neste momento”, “agora mesmo”, “está a terminar” e o tempo verbal presente em detrimento do futuro e dos tempos verbais que reportem ao passado, mesmo que esse passado seja há uma hora apenas.

---

<sup>72</sup> Na época, TSF e RDP continuavam a reservar para a rádio hertziana as notícias de última hora e as notícias em primeira mão/exclusivas. Apenas a RR abria exceções fazendo uma gestão caso-a-caso do que era dado primeiro na rádio ou publicado no site. Estas estratégias foram reveladas em entrevistas dadas pelos responsáveis online das três rádios para a tese de doutoramento já referida anteriormente.

O que quisemos aferir neste ponto é se essas expressões e referências temporais são comuns num meio em que o passado e o presente se fundem, e são definidos pelo ciberouvinte. Para a quantificação dos dados englobámos todas as referências temporais do dia (hoje, de manhã, logo à noite, esta madrugada, etc) e não apenas as mais imediatas (como as que foram acima enunciadas). A primeira constatação é a de que no áudio a temporalização típica da rádio do “agora” tem uma pequena expressão de 4,8% e é mais frequente no texto, 25,4%. Não é um dado surpreendente já que é no texto escrito que estão todos os elementos básicos da notícia, entre eles, o *Quando*, um dos critérios noticiosos e uma das informações básicas do *lead*. E se o texto enquadra o áudio e o áudio complementa o texto, é natural que as referências temporais se encontrem mais no corpo da notícia. No áudio a referência temporal imediata do “neste momento” apenas se escuta em reportagens que foram feitas em direto para a emissão tradicional e que depois foram transpostas para o áudio da notícia no site, ou nas reações “a quente” de algum entrevistado. Sendo que, algumas vezes, não todas, o áudio é substituído mais tarde sem qualquer referência que indique a hora em que inicialmente foi transmitido. A segunda constatação é de que a percentagem de texto e áudio sem referências é muito próxima, 33,1% e 36,8% respetivamente.

#### Referências Temporais

	TSF	RR	RDP	RCp	Total
C/ referências texto	21,7%	31,0%	23,7%	25,3%	25,4%
S/ referências texto	42,0%	31,3%	26,3%	35,4%	33,1%
C/ referências áudio	2,7%	4,6%	8,1%	1,9%	4,8%
S/ referências áudio	33,5%	33,1%	41,9%	37,3%	36,8%

Na análise por estações verificamos que a TSF é aquela em que se encontram menos referências temporais quer no texto quer no áudio. A RDP e a RR têm percentagens maiores de áudios com referências devido à inclusão de reportagens que foram feitas em direto, onde abundam expressões de localização temporal, que foram gravadas e depois agregadas à notícia na *net*, sobretudo na RDP que publicava em notícia alguns dos conteúdos das emissões regionais, feitas, muitas vezes em direto. A TSF e o RCp apresentam as percentagens mais pequenas porque fazem mais uso de declarações dos protagonistas das notícias.

A rádio continua a ser um meio rápido, a internet é o seu mais direto concorrente, mas, mesmo assim, não pede a linguagem imediata da rádio porque o seu produto permanece no tempo. Por isso, enquanto para a rádio se promove a utilização de expressões temporais que reforcem a simultaneidade e instantaneidade do meio (Herreros, 1995; Ortriwano, 1985; Prado, 1985; Crisell, 1994), na cibernotícia é pedido o contrário, estabelecendo-se a regra de mencionar o dia ou mesmo a data completa, eliminando o hoje, ontem e o amanhã (Franco, 2009; Salaverría, 2005), tão habituais na rádio e ainda na ciber-rádio. Globalmente o que verificamos é que no texto da notícia ainda se encontram alguns exemplos das expressões temporais da rádio, mas o "agora" tende a ser substituído pelo ainda radiofónico "hoje", ou por "esta quinta-feira", expressão típica da redação ciberjornalística e não do jornalismo radiofónico. A linguagem imediata do jornalismo radiofónico revela-se inapropriada no contexto intemporal da *web*. A reportagem em direto que foi gravada e publicada na internet soa ultrapassada quando é escutada *a posteriori*, tal como soaria no éter se fosse repetida, mas não deixa de constituir um documento quando o acontecimento ultrapassa o estatuto de efémero e marca o noticiário do dia, da semana, ou do

ano. A utilização das expressões “do momento” se por um lado conferem à *net* velocidade no acompanhamento a par e passo do acontecimento tornando o meio mais imediato, por outro lado acarretam a obrigatoriedade da atualização permanente, o que nem sempre acontece, verificando-se com alguma frequência que notícias redigidas e publicadas em cima do acontecimento não voltam a ser atualizadas, ou são-no muitas horas depois, deixando passar a sensação de que a notícia “é velha” e está ultrapassada. Na ciber-rádio as notícias mantêm algumas referências temporais típicas da rádio, as mais imediatas, que são usadas em simultâneo com as estabelecidas para a cibernotícia, mais intemporais

### **Tempos verbais: o presente da rádio**

O tempo verbal da rádio é o presente. A utilização do presente nos verbos aproxima o passado e o futuro da atualidade (Herreros, 1995:392). O passado não deve ser usado porque, em rádio, o que passou não é notícia, o passado é história (Haye, 1985:95) a rádio vive do que está a acontecer. Os verbos são, portanto, usados no presente e na voz ativa para imprimirem mais força, e reforçarem a imediatez do meio (Prado, 1985:40). O verbo é a ação, e o presente assinala o efêmero (Haye, 1985:96).

Na internet, os autores não fazem uma referência clara aos tempos verbais. Salaverría (2005:147) recomenda uma datação exaustiva que indique a data e hora da notícia enquanto Edo (2003:362) sugere frases “sem núcleo verbal” e verbos na voz ativa. Na ciber-rádio aquilo que encontramos, mais uma vez, são exemplos em que convivem os dois modelos, embora haja uma predominância do tempo verbal presente: “Álcool: Consumo aumenta entre



adolescentes; o documento recomenda; Pina Moura demite-se; Pina Moura apresentou a demissão; o ex-ministro alega; INE deverá confirmar recessão hoje; Haiti admite existência de tráfico de órgãos”. Verbos no passado, no presente e no futuro, embora seja mais frequente o tempo presente numa clara influência do texto radiofónico que, quando transposto ou reformulado para a *net*, não assume as suas características. Na ciber-rádio a notícia tende a manter o tempo verbal presente e o verbo na voz ativa, característicos da notícia radiofónica.

### **As frases: curtas e simples**

Em rádio, porque se ouve a notícia, a construção frásica tem de ser simples e direta: uma frase uma ideia e frases de sujeito-predicado-complemento (Herreros, 1995; Haye, 1995; Merayo Pérez, 1992). Estas regras são comuns à notícia radiofónica e à cibernotícia em que as frases devem ser curtas e diretas, e os parágrafos curtos (Salaverría, 2005; Edo, 2003; Ward, 2002; Kolodzy, 2006). Uma construção frásica igualmente simples e básica pelo efeito visual que pretende provocar – fácil orientação na página visionada e apreensão dos seus conteúdos – à primeira, como na rádio. No texto radiofónico não são admitidas orações intercalares (Haye, 1995; Herreros, 1995) pela confusão que podem gerar ao serem ouvidas, já que muitas vezes a escuta distraída do ouvinte não lhe permite lembrar-se do início da frase ou da ideia interrompida perdendo o sentido à notícia. Este é o único ponto divergente, já que a cibernotícia permite intercalares. Porque a notícia é para ser lida no ecrã, e não ouvida, o internauta pode sempre voltar atrás como na folha de um jornal. Apesar das intercalares, as frases são, na sua maioria, perceptíveis, embora visualmente não sejam tão atrativas. No

ecrã, tal como na rádio, resultam melhor as estruturas simples, porque são visionadas. Nielsen<sup>73</sup> (1999) chama-lhe “scannability”: escrever para uma leitura em radar sobre o texto e define mais duas regras básicas para escrever na *web*: ser sucinto e usar o hipertexto.

Há regras de escrita comuns à notícia de rádio e à cibernotícia que facilitam a adaptação da escrita ao novo meio. A notícia da ciber-rádio prolonga a essência da escrita radiofónica na simplicidade e brevidade, ao mesmo tempo que apresenta construções frásicas mais complexas permitidas pela escrita na *web*.

### **Regra dos 3Cês: Claro, correto, conciso**

Este é outro dos pontos comuns entre a notícia da rádio e da internet: ser claro, correto e conciso. A brevidade e simplicidade são duas características essenciais da informação radiofónica que contribuem para a eficácia da mensagem radiofónica (Prado, 1985:29). A escrita para rádio, sobretudo a da informação jornalística, tem de ser clara, breve, simples, concisa (Merayo Pérez, 1992: 288) e direta porque só assim é eficaz (Haye, 1985:90). Na *net*, Salaverría justifica a pertinência dos textos concisos: o breve é o curto, o conciso é o sintético, sendo que se pode ser conciso sem ser breve (2005:134). Edo (2003:378) e Kolodzy (2006:192) falam em textos curtos, simples e diretos. São mais fáceis de visionar, de ler, e de seleccionar. Ward (2002:106) refere que escrever para a *web* significa usar apenas as palavras necessárias, prescindir do acessório (que aparentemente não o é), o que na rádio encontra o equivalente na máxima: dizer o máximo com o mínimo de palavras.

---

<sup>73</sup> Nielsen citado por Mike Ward (2002) no livro “Journalism Online”, p.128

A notícia da rádio quando transposta para o ecrã, não deixa de ser concisa e breve obedecendo assim, aos manuais de escrita dos dois meios. Mantém características da rádio e absorve características do *online*. Mas há diferenças entre sites e essas diferenças estão relacionadas com a estrutura de texto que cada site adota. Na RDP muito curto, tipo *teaser*<sup>74</sup>, e no RCp um pouco maior. A RR apresenta notícias de tamanho variável consoante o volume de informações. A TSF adota um estilo menos radiofónico nas notícias no site, usando uma fórmula mais próxima das notícias de agência com uma estrutura mais rígida e uma linguagem mais formal, o que não significa que sejam menos claras.

Na rádio e na *net* as notícias devem ser breves. A cibernotícia, tal como a de rádio, utiliza a denominada Regra dos 3Cês: claro, correto e conciso. O que constatámos neste ponto é que há variações entre as diferentes ciber-rádios: umas são mais breves e concisas do que outras, o que está relacionado com o tipo de estrutura de texto que adotaram. No entanto, podemos verificar que há um padrão comum a três delas: no período em análise, progressivamente, o tamanho do texto foi diminuindo tornando-se mais conciso e, por consequência, mais breve e simples. Nos quatro sites analisados não detetámos nenhum exemplo que resumisse a notícia a um título sem texto. Mesmo as notícias de última hora com escassas informações têm título e uma ou duas frases.

### **Redundância e Técnica de Espiral**

Em termos de estrutura é utilizada na notícia radiofónica a denominada técnica de espiral, em que no fecho se voltam a repetir

---

<sup>74</sup> *Teaser* – texto breve informativo e simultaneamente apelativo que se destina a despertar a curiosidade do ouvinte para o que vai ouvir em seguida

as informações essenciais. Prado (1985:51) considera que o último parágrafo é importantíssimo porque se recupera o essencial da notícia de forma atraente. O objetivo é situar o ouvinte na notícia para que não perca informação e, mesmo que 'apanhe' a notícia a meio, saiba do que se fala e compreenda a mensagem. Também a lei da redundância, como lhe chama Haye (1995:92) é indispensável na escrita radiofónica (Herreros, 1995; Merayo Pérez, 1992) porque permite não só manter presente a ideia central ao longo de toda a notícia como facilita à audiência a retenção do seu essencial (Soengas, 1996:23). Daí que se opte pela repetição de palavras-chave ao longo da redação da notícia. A técnica de espiral e a lei da redundância são dois recursos que visam combater a efemeridade da audição radiofónica, tornando-a mais permanente, desenvolvendo mecanismos para memorização. E são exclusivas da rádio. Nem a imprensa, nem a televisão as utilizam. Na Internet também deixa de fazer sentido. A repetição indispensável para a compreensão da notícia que é ouvida, na *web* torna-se redundante, porque o internauta pode voltar a atrás no que lê, vê e ouve.

Na cibernotícia a repetição deve ser eliminada (Franco, 2009:118) até porque a notícia é breve, simples e concisa, e todas as palavras acessórias devem ser dispensadas.

Embora a técnica de espiral e a redundância não sejam utilizadas nas notícias dos sites em análise, é comum as ideias do *lead* serem repetidas no parágrafo seguinte concretizando ou desenvolvendo apenas um pormenor enunciado anteriormente, à semelhança das técnicas de redação de agência. Dos quatro sites em análise, é no da TSF que encontramos mais frequentemente este exemplo.

Nos sites em análise não encontramos exemplos nem da técnica de espiral nem da lei da redundância. Rádio Renascença e Rádio Clube têm, por sistema, notícias concisas e mais próximas da versão radiofónica. Na RDP, pela estrutura de *teaser* que adotou, não encontramos nenhum exemplo. A TSF mesmo com uma estrutura similar à de agência noticiosa ou mesmo quando transcreve notícias da rádio para o site não transpõe as duas técnicas. As notícias nas ciber-rádios não são redigidas com a técnica de espiral e a lei da redundância típicas da estrutura e redação da notícia radiofónica. Assistimos aqui à absorção da técnica de redação *online* em detrimento da radiofónica. Ou seja, a notícia ciber-radiofónica adotou as características da internet deixando para trás as que lhe eram intrínsecas.

### **Discurso direto e indireto**

Para a rádio a grande novidade na redação da notícia é poder incluir o discurso direto, absolutamente proibido nas notícias ditas ao microfone. O discurso direto na rádio confunde o ouvinte, não fica claro quem diz o quê, se o jornalista que faz a notícia se o protagonista que foi citado – é mais uma limitação do meio auditivo que criou regras precisas sobre como utilizar as citações e identificar as vozes das notícias nos registos sonoros/áudios. As aspas não se leem, não têm tradução fonética (Prado, 1985:31) e por isso não se usam em rádio. Todo o discurso direto passa a indireto, se não se conseguir ter a voz do protagonista a dizê-lo ou se quisermos sintetizá-lo<sup>75</sup>. Não há, portanto, discurso direto na notícia de rádio, nem aspas.

---

<sup>75</sup> Há, obviamente, exceções para situações excecionais. Em todo o caso, a citação em discurso direto terá

Na *web* tudo é permitido, o discurso direto com as aspas, o discurso indireto e a voz dos próprios protagonistas. Mais uma vez, as rádios na rede libertam-se das limitações auditivas e fazem uso de todos estes recursos. A estrutura da notícia com som na rádio é adaptada a um meio visual que dispensa as regras básicas de identificação e introdução do áudio, o que poderia deixar mais espaço para outras informações ou desenvolvimentos, mas nem sempre acontece. A rádio segue a técnica da televisão que identifica em legenda a voz que se ouve e a imagem que se vê. Neste ponto encontramos exemplos muito variados em todos os sites analisados, registando uma diversidade enriquecedora. A notícia ciber-radiofónica abandonou as limitações impostas pelo meio auditivo e está a experimentar diferentes formas de apresentar citações. Neste caso, assimilou por completo a forma como se pode escrever para o novo meio.

### **Escrever para o ouvido ou para ser lido?**

Em rádio a notícia tem como referência a forma como nos expressamos oralmente (Herreros, 1995:380), isto é, a linguagem que falamos todos os dias uns com os outros, no quotidiano (Prado, 1985:34), porque a "rádio fala" (Ortriwano, 1985:78). A notícia é escrita e dita ao microfone para ser ouvida. A proximidade com o ouvinte constrói-se também através desta linguagem do dia-a-dia, menos formal, menos elaborada. Não se trata apenas do vocabulário, mas das expressões, da forma de dizer. Na internet nada disto faz sentido. Mesmo que a estrutura seja simples e direta, a linguagem, porque escrita para ser lida, não pede a coloquialidade radiofónica. Essa, encontramos-la apenas nos áudios: nas peças dos jornalistas e

---

de ser muito curta e devidamente contextualizada para não gerar interpretações ambíguas

---

nas reportagens, porque foram feitas para serem ouvidas. Apesar da aparente formalidade, a escrita da cibernotícia é mais 'corrida', pelo menos na aparência devido à simplicidade da estrutura e à escolha do vocabulário.

Em todos os sites encontramos alguns exemplos, mas poucos: "Jogo entre Portugal e Finlândia segue sem golos"; "o comentador deixou o alerta"; "a imagem do líder do PSD está a degradar-se e a arrastar o partido"; "os candidatos estão a ser ouvidos"; "metade (dos clientes do BCP) foi dormir a casa"; "substituir os que estiveram de piquete"; "a avaliação de professores não pode ir para o lixo"; "Atenas afundou mais de 6%"; "(as nuvens) deverão passar de raspão ao largo da costa". Consideramos estes exemplos não uma norma, mas exceções à regra. A coloquialidade não é aparente, mas resulta, por vezes, da transposição integral da notícia da rádio para a *web*. Isso não significa necessariamente que a linguagem da cibernotícia seja tão oral como a radiofónica. A notícia ciber-radiofónica não se rege pela coloquialidade radiofónica nem tenta aproximar-se da oralidade típica da rádio. Procura manter a formalidade da notícia escrita.

### **Reflexões finais**

"A notícia é a unidade estrutural mínima da informação radiofónica, concisa, simples e formalmente neutra" (Prado, 1985:48). Quando se escreve uma notícia para rádio são tidos em conta três fatores: ser efémera, irrepetível, e o facto de a mensagem ser recebida apenas pela audição. Crisell (1994:86) afirma que a linguagem da rádio é evanescente. Na ciber-rádio deixa de o ser porque o suporte é outro, permanente e visual. Na internet, como já

foi abordado anteriormente, as características da rádio que moldam a forma de redigir as notícias desaparecem. A técnica redatorial pode mudar, mas a essência permanece. O objeto jornalístico é o mesmo para todos os meios, a forma de o redigir e apresentar é que varia consoante cada meio que tem uma linguagem própria.

“Existe apenas uma informação para ser difundida tanto pelos veículos impressos como pelos eletrônicos. No rádio, a informação vai apresentar características próprias, sem contudo perder a sua identificação com o conteúdo. A diferenciação deve ser unicamente em função do meio específico e da técnica mais adequada a ele e não como se existisse uma parcela específica de informação para cada meio.” (Ortriwano, 1985:91). As palavras de Ortriwano transpõem-se para a internet ou para qualquer outro meio que venha a surgir. Os novos meios, tendem a usar as linguagens dos velhos meios (Fidler, 1997) até encontrarem a sua própria linguagem. O novo surge do velho num processo permanentemente em aberto. Na *web*, Edo identifica a linguagem particular do ciberjornalismo como linguagem múltipla, que abarca as existentes e a nova numa “utilização simultânea de todas as que já conhecemos para chegar a produzir uma distinta e plural que é unificadora e multimídia (...) sincronizam-se no tempo e no espaço informações que inicialmente não tinham nenhuma conexão e se apresentavam com essa linguagem múltipla que combina códigos do jornalismo escrito e audiovisual em cada uma das notícias, e que deve contar com as possibilidades interativas da internet”, a atualização e hipertextualização (Edo, 2003:359:361). A simbiose entre o velho e o novo gera uma nova linguagem, mais difícil é encontrar um padrão que nos permita estabelecer regras e fronteiras.



Resumidamente podemos concluir que não há uma transposição integral da notícia da rádio para o site da emissora o que reflete que há uma preocupação em mudar a linguagem e a estrutura da notícia consoante o meio. Há adaptações em que as regras de escrita da rádio permanecem, outras que desaparecem para dar lugar às do *online*, mas verifica-se um maior número de normas de redação de ambos os meios que coexistem nas notícias nos sites de rádio. As rádios transpuseram para a *web* a hierarquia noticiosa da pirâmide invertida sem que tenha sido encontrado um único exemplo da pirâmide deitada característica do *online*. Quanto à estrutura da notícia verifica-se o abandono da técnica de espiral e da regra da redundância obrigatórias na rádio hertziana e uma absorção da estrutura da cibernotícia. Outras regras coexistem, umas com maior ou menor predominância consoante as notícias ou os sites: as referências temporais imediatas típicas do vocabulário radiofónico só se encontram quando há uma transposição integral dos textos ou dos áudios e não são muito frequentes. Os verbos no presente predominam, tal como na rádio, mas o passado, o futuro e outros tempos verbais também são conjugados. O mesmo acontece com o discurso direto e indireto que se articulam ao longo da notícia independentemente da notícia ter áudio ou vídeo. Frases curtas, construções frásicas simples, e a concisão são inerentes aos dois meios e as notícias de um e de outro cumprem essas regras, apesar de, no *online*, a notícia fazer “concessões” na utilização de frases entre vírgulas porque o suporte é visual e não auditivo.

Em 1992, Merayo Pérez achava que a rádio ainda não estava suficientemente definida e consolidada para se encontrarem conceitos e definições sobre tudo o que a envolve. Nessa altura a rádio contava mais de 80 anos. Não são 80 anos estanques, a rádio foi crescendo e evoluindo, abrindo novos caminhos e experimentando outras técnicas

e outros conteúdos. O que Merayo Pérez quereria dizer é que a rádio, tal como todos os meios de comunicação, está em permanente evolução e transformação pelo que qualquer definição ou formulação de conceitos deve ser aberta. Aberta ao que vem de novo e que pode até mexer com a sua essência e a sua natureza. As palavras do autor, escritas para a rádio, fazem hoje todo o sentido se as lermos à luz das novas tecnologias e dos novos media: “Todo o canal de comunicação submetido a determinado grau de tecnificação necessita de tempo para encontrar e sistematizar a linguagem característica e mais adequada à sua natureza” (Merayo Pérez, 1992:123).

Cada site apresenta uma tipologia própria, cada um explorando uma forma diferente de apresentar os seus conteúdos jornalísticos, embora haja pontos comuns. Aquilo que se constata é que no período analisado há tendência para uma simbiose entre o *online* e a rádio na redação das notícias. Se por um lado a rádio leva para a *web* técnicas típicas do éter, por outro lado também aproveita as que o novo meio lhe oferece substituindo algumas que fazem parte da sua natureza, mas que a limitam. A internet surge aqui como a oportunidade para se libertar das limitações impostas pelo carácter efémero e auditivo do meio tradicional. Explorando os pontos comuns das duas linguagens verificamos que há um esboço de uma escrita ciber-radiofónica, diferente da escrita ciberjornalística, e não uma mera transposição da notícia que é dita ao microfone. Mas tudo é ainda muito embrionário. Não se pode ainda falar de um novo discurso ou de uma nova linguagem ciber-rádiofónica, mas de uma tendência. A tendência global, mais nuns sites que noutros, é a de uma nova construção da notícia em função do meio em que se insere, a internet, integrando características e regras da rádio e do *online*.

## **Bibliografia**

Bonixe, Luís, *As notícias nos sites das rádios portuguesas: contributos para a sua compreensão*, comunicação apresentada no Congresso de Ciberjornalismo no Porto e disponível na revista *prisma.com*, nº7, dezembro de 2008, [http://prisma.cetac.up.pt/edicao\\_n7\\_dezembro\\_de\\_2008/as\\_noticias\\_dos\\_sites\\_das\\_radi.html](http://prisma.cetac.up.pt/edicao_n7_dezembro_de_2008/as_noticias_dos_sites_das_radi.html), consultado em junho.2009

Canavilhas, João, *Webjornalismo: Da pirâmide invertida à pirâmide deitada*, 2006, disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-webjornalismo-piramide-invertida.pdf>, consultado em janeiro de 2011

Canavilhas, João, "*Webnoticia: propuesta de modelo periodístico para la WWW*", 2007, disponível em <http://www.livroslabcom.ubi.pt/pdfs/canavilhas-webnoticia-final.pdf> consultado em julho de 2009

Crisell, Andrew, *Understanding Radio*, London, Routledge, 1994

Edo, Concha, *Rasgos e normas del estilo ciberperiodístico*, in *Manual de redacción Ciberperiodística*, org Díaz Noci, Javier y Salaverría Aliaga, Ramón, Barcelona, editorial Ariel, , 2003

Fidler, Roger, *Mediamorphosis: Understanding New Media*, California, Pine Forge Press, 1997

Fontcuberta, Mar de, *A Notícia*, Lisboa, Editorial Notícias, 1999

Franco, Guillermo, *Cómo escribir para la Web*, Knight Foundation, edição digital, 2009, disponível em <http://knightcenter.utexas.edu/ccount/click.php?id=4> consultado em março.2009

Haye, Ricardo M., *Hacia una nueva radio*, Buenos Aires, Editorial Paidós, 1995

Herreros, Mariano Cebrián, *Información Radiofónica. Mediación técnica, tratamiento y programación*, Madrid Editorial Síntesis, 1995

Kolodzy, Janet, *Convergence Journalism: writing and reporting across the News Media*, Oxford, Rowman & Littlefield Publishers, inc, 2006

Meneses, João Paulo, *Tudo o que se passa na TSF...para um livro de estilo*, Porto, Edição Jornal de Notícias, 2003

Merayo Perez, Arturo, *Para entender la radio*, Salamanca, Publicaciones Universidad Pontificia de Salamanca, 1992

Merayo Perez, Arturo, *Formación, nuevos contenidos y creatividad sonora: apuestas para un tiempo de incertidumbre tecnológica*, 2000, disponível em <http://www.unav.es/fcom/jornadas2000/Comunicaciones/arturo14.htm> consultado em maio.2007

Ortriwano, Gisela Swetlana, *A informação no rádio*, São Paulo, Summus Editorial, 1985

Prado, Emílio, *Estrutura da informação radiofónica*, São Paulo, Summus Editorial, 1985

Salaverría, Ramón, *Redacción periodística en internet*, Navarra, Eunsa, 2005

Soengas, Xosé, *Os informativos na radio*, Noia, ed Lea, 1996

Ward, Mike, *Journalism online*, Oxford, Focal Press, 2002